



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1321 - 12/10/2015 a 18/10/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares

INVESTIMENTO

A CANA NO CAMINHO DA RECUPERAÇÃO

HISTÓRIA

Os japoneses que não aceitaram o fim da guerra

PESQUISA

Ração com chimarrão para amaciar o boi



FALTAM
207
DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO

Aos Leitores

O recado da semana passada foi bem claro: pedalada não pode!

O julgamento do Tribunal de Contas da União a respeito da forma como o governo federal tratou seu dinheiro no ano passado foi importante para definir diretrizes para o futuro. Estamos na era da disciplina fiscal e da transparência. Não podemos mais admitir práticas que ferem os princípios mais simples de contabilidade. Se eles valem para as empresas, por que não valeriam também para o governo?

Felizmente, o Brasil é muito maior que o seu governo e seu setor público. E a agropecuária é uma amostra do Brasil que trabalha e cresce, mesmo sob as circunstâncias mais negativas. Veja, por exemplo, o caso de uma experiência descrita nesta edição do Boletim Informativo, a aplicação da cama dos aviários no solo, como fertilizante.

Trata-se de uma solução criativa que melhora o desempenho da terra e eleva o ganho do produtor. Com boas ideias, trabalho pesado e o auxílio da pesquisa e da tecnologia, o campo brasileiro vem dando importantes contribuições para tirar o Brasil da crise.

Boa leitura!

Índice

Bovinocultura	03
Capa	06
Agrinho	10
CAR	17
História - Shindo Renmei	18
Reciclagem	20
Evento	22
Soja SaFrinha	24
CTA de Assis / Nota	25
Notas	26
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Agide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Agide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Agide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hernely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da edição 1321: Fernando Santos, Milton Dória, AEN, Divulgação e Arquivo FAEP.

Churrasco com chimarrão

Estudo realizado pela USP mostrou efeito positivo do mate para o rebanho bovino

Hemely Cardoso



O mate é uma erva tipicamente brasileira. Por aqui, ela é apreciada com água quente na cuia, no chimarrão; com água fria, no tererê; ou tostado, nos chás de saquinho. De acordo com pesquisadores, há uma série de indícios sobre os benefícios à saúde humana que podem estar ligados ao consumo do mate. É possível que a erva facilite o controle do peso e modere processos oxidativos e inflamatórios, por exemplo. Agora, pesquisas apontam que ela pode ser uma boa aliada na produção de uma carne com mais benefícios à saúde, mais agradável ao paladar e com maior prazo de validade. O trabalho é fruto de uma parceria entre pesquisadores brasileiros e dinamarqueses, o projeto “Pão e Carne para o Futuro”.

O estudo, coordenado pelo químico Daniel Rodrigues

Cardoso, do Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo (IQSC-USP), durou três anos e foi realizado em experimentos com um plantel de 48 bovinos, que recebiam um extrato da erva em proporções de 0,25% a 1,5% do total de sua ração. “Os animais que receberam pequenas quantidades desse extrato tiveram alterações significativas em seu metabolismo, com o aumento de presença de moléculas que são benéficas para quem consome a carne e aumentam o seu prazo de validade”, explica Daniel.

Segundo o pesquisador, o mais provável é que os efeitos positivos do extrato de erva-mate sejam resultado das alterações que o consumo dele promove no sistema digestivo dos bois. O suplemento teria mudado os tipos de micro-organismos que ajudam o gado a digerir os vegetais que comem, o que, por sua

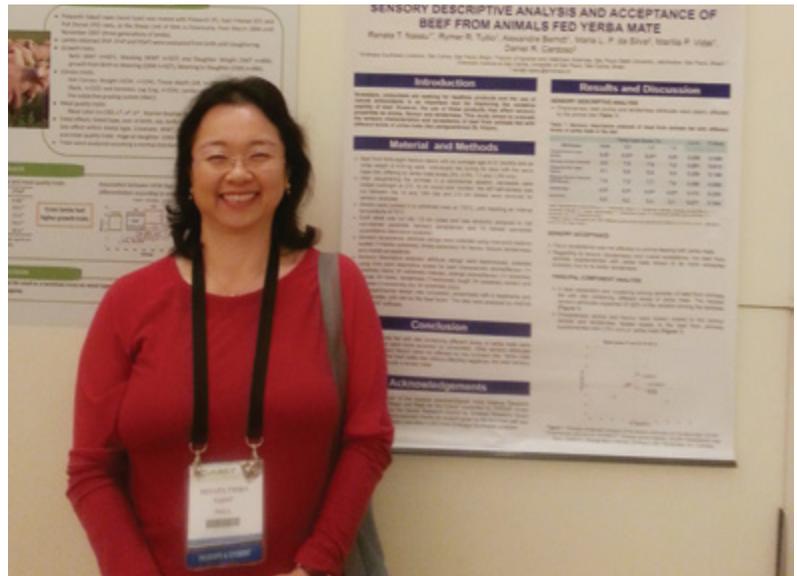
vez, modificou o perfil de nutrientes absorvidos pelos animais e, conseqüentemente, a qualidade da carne.

A pesquisa foi realizada em parceria com a Embrapa Pecuária Sudeste e a Embrapa Instrumentação, ambas em São Carlos (SP), a Centroflora (fornecedora dos extratos de erva-mate) e a multinacional dinamarquesa Novozymes (que colaborou com as enzimas usadas em diversos experimentos), além de pesquisadores de outras instituições.

De acordo com a pesquisadora e engenheira de alimentos Renata Tieko Nassu, da Embrapa Pecuária Sudeste, a carne dos bovinos alimentados com o extrato da erva-mate apresentou maior maciez e uma estabilidade oxidativa, ou seja, maior tempo de vida de prateleira. Segundo ela, no chamado teste de força de cisalhamento, no qual uma máquina determina a dificuldade de cortar a carne, os bifes dos animais que receberam mate se mostraram mais macios.

Renata conta que os animais eram machos da raça Nelore e receberam o extrato adicionado à ração durante 94 dias e foram abatidos com 21 meses (uma média de 419 quilos). Os pesquisadores também observaram uma aparente redução do estresse e melhora no bem-estar animal, o que também ajuda a melhorar a qualidade da carne.

Daniel explica que, como os primeiros testes envolveram o uso de um extrato de mate com alto grau de pureza, não seria viável economicamente distribuir o produto para grandes rebanhos. “A questão é que, nos experimentos, foi usado um extrato feito seguindo padrões da indústria farmacêutica, o que encarece o produto”. Segundo ele, a ideia é expandir o estudo para a área leiteira.



Renata Tieko Nassu: “Os bifes dos animais que receberam mate se mostraram mais macios”

Raio-X da erva mate

A planta

Ilex paraguariensis é o nome científico da erva mate, usada pelos índios guaranis antes da chegada dos europeus. Muitos ervais nativos ficavam próximos da mata de araucárias.



A história



A planta é nativa da América do Sul, em especial do Sul do Brasil, Paraguai e do Norte da Argentina. No fim do século 19 e início do 20, foi uma das grandes riquezas do Paraná, que exportava a planta, principalmente para a Argentina. Essa é a razão de um galho de mate estar presente no brasão do estado, junto com um ramo de araucária.

Cultivo

O clima subtropical é o mais adequado para o desenvolvimento da planta, cuja árvore pode atingir de 7 a 15 metros de altura. Chuvas regulares e bem distribuídas durante o ano, temperatura média de 15° a 21°C e a ocorrência de geadas favorecem seu desenvolvimento. Para ser propício à erva-mate, o solo deve ter boa profundidade (mais de 1 metro), boa permeabilidade e boa fertilidade natural.

Colheita

A colheita das folhas da erva-mate é realizada entre os meses de maio e agosto, quando o frio faz a planta entrar em dormência e a seiva circula menos. Cada três quilos da erva verde (crua) produzem um quilo de erva seca. O processo de industrialização do mate inclui a sapecagem e posterior secagem das folhas, que então podem ser destinadas à fabricação de chimarrão e tererê, que usam a erva moída; ou para produção do chá mate, que usa a erva tostada. Cada quatro quilos e meio de erva verde rendem um quilo de chá.



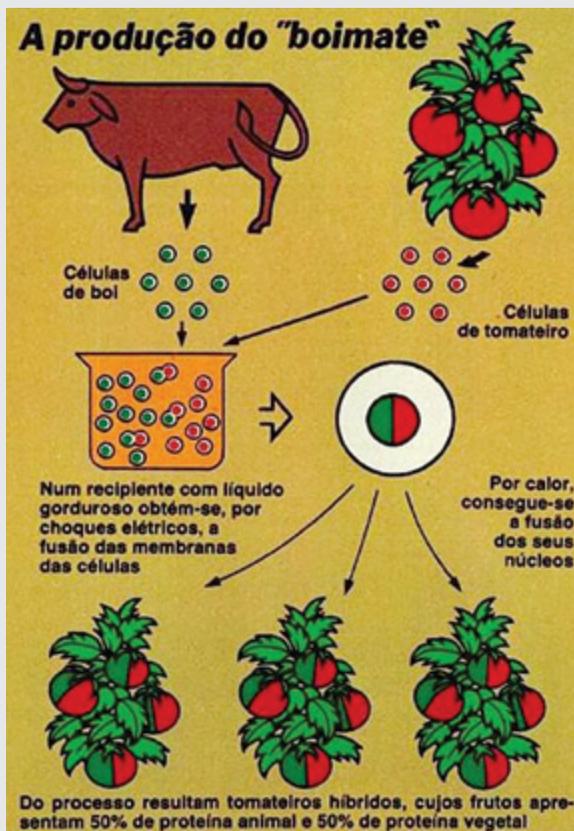
Produção

O Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) faz dois levantamentos estatísticos diferentes sobre a produção de erva mate. Os dados que se referem à extração vegetal – ou seja, à coleta de recursos nativos – mostram que a produção brasileira de erva-mate foi de 344.594 toneladas no país. Desse volume, o Paraná, maior produtor nacional, produziu 254.915 toneladas no mesmo período. Já no cultivo da planta, a produção nacional somou 515,4 mil toneladas, com o Paraná produzindo 195,4 mil toneladas, atrás do Rio Grande do Sul (que colheu 265,5 mil toneladas).

O Boimate

O boi que come mate pode ser considerado o segundo “boimate” da história brasileira. Felizmente, esse é de verdade, porque o primeiro foi uma história falsa, publicada pela revista Veja, em abril de 1983. Na imprensa de outros países, Estados Unidos principalmente, é comum que se publiquem notícias de mentirinha no dia 1º de abril. E a brincadeira da revista New Scientist era essa: um organismo geneticamente modificado, capaz de produzir frutos com sabor e consistência de um filé ao molho de tomate.

Os editores da revista brasileira entusiasmaram-se com a ideia e a ampliaram, ouvindo cientistas brasileiros e desenhando um gráfico que explicaria o processo. Entrou para a história como a maior “barriga” (notícia falsa, no jargão dos jornalistas) da imprensa nacional.



O gráfico original publicado pela Veja em 1983: publicação acreditou em brincadeira de 1º de abril

O renascer da cana

Setor sucroenergético do Paraná se estrutura para renovar seus canaviais e gerar energia de biomassa

André Amorim



O setor sucroenergético do Paraná está se preparando para uma importante travessia. Nos últimos anos, ele vem enfrentando uma de suas piores crises, com influência de fatores externos, como a crise internacional de 2008, que derrubou o preço do açúcar e os fluxos de capitais; e internos, como a defasagem do preço do etanol ocasionada pelas políticas do governo federal referentes ao preço da gasolina e da energia elétrica. Somam-se aí também problemas climáticos que impactaram negativamente a produtividade dos canaviais do Estado e da Região Centro Sul, contribuindo ainda mais para a crise do setor.

Buscando uma alternativa a esse cenário, a FAEP, em conjunto com a Associação dos Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná (Alcopar), elaborou o Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroenergético do Paraná, que tem como

objetivos ampliar o setor e melhorar suas condições de produção, tendo como principal destaque o aproveitamento da palha e do bagaço da cana-de-açúcar para a geração de energia.

Trata-se de um investimento da ordem de R\$ 4,5 bilhões, que será realizado pelo setor privado entre 2016 e 2018. Ao longo desses três anos, as usinas passarão por uma adequação tecnológica para a queima da palha, e os canaviais serão renovados e ampliados. Com isso pretende-se dar novo fôlego ao setor, que tem elevada representatividade na economia paranaense e principalmente na região Norte do Estado. De forma direta, o programa favorecerá também os produtores de cana, que passarão a contar com empresas mais robustas com quem negociar a comercialização da cana, de maneira que os dois setores obtenham resultado positivo.

Atualmente o Paraná é o terceiro maior produtor de

açúcar do país e o segundo maior exportador. Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra 2014/15, a produção de açúcar VHP foi de 2.923 milhões de toneladas, o que corresponde a 8% da produção nacional. No etanol estamos em quinto lugar, com produção de 1,61 milhão de metros cúbicos no mesmo período. O Paraná prioriza a produção de açúcar.

Apesar da pouca representatividade na produção de açúcar, o Estado é o segundo maior exportador, uma vez que empresas de São Paulo e do Mato Grosso do Sul usam a estrutura logística da Paraná Operações Portuárias S. A., que envolve a malha ferroviária e terminais de açúcar no porto de Paranaguá e na região de produção, para escoar sua produção. Dos 3,5 milhões de toneladas exportadas em 2014, apenas 2,4 milhões foram produzidas nas usinas paranaenses.

O setor sucroenergético do Paraná atualmente gera mais de 60.000 empregos diretos.

Ação integrada

O apoio do governo do Estado ao programa foi instituído oficialmente em julho deste ano através do decreto estadual nº 1819 de julho de 2015. Por ele, o executivo estadual se compromete com as principais medidas do programa, que são a renovação de 360 mil hectares de cana, a implantação de 90

mil hectares de novos canaviais e o aumento na participação da biomassa na matriz energética paranaense. A parte que cabe ao governo do Estado neste processo é o suporte da Copel para distribuir a energia gerada, apoio na área de infraestrutura logística, com melhorias nas rodovias de acesso do campo às usinas.

Para sustentar essa travessia – na qual as usinas passariam a produzir, além de álcool e açúcar, energia elétrica –, a FAEP pleiteou junto ao BNDES ampliação de quatro linhas de crédito estratégicas. Essas linhas formam os pilares que irão dar fôlego para o setor nesta transição.

A primeira destas linhas foi criada em 2012 para socorrer empresas do setor sucroenergético após a crise internacional de 2008. Batizada de Programa de Apoio à Renovação e Implantação de Novos Canaviais (Prorenova), ela se destina somente para o financiamento do plantio de cana. Essa medida é estratégica, na medida em que os canaviais precisam ser renovados à razão de, pelo menos, 20% a cada ano. Trata-se de um investimento constante para não perder a produtividade: ao longo de 5 anos, o canavial está renovado.

O anúncio da reativação e do volume de recurso do Prorenova para 2015 foi realizado na sede da FAEP, em Curitiba, no último dia 24 de setembro. Na ocasião, o superintendente da área industrial do BNDES, Maurício dos Santos Neves, apresentou as linhas do BNDES que podem ser utilizadas pelas empresas. Apesar de breve, sua passada pelo Paraná teve um caráter



Em 2014 o Paraná foi o terceiro maior produtor e segundo maior exportador de açúcar do Brasil

simbólico importante, ao reconhecer o Paraná e a FAEP como articuladores das políticas nacionais para o setor.

Outra linha de crédito é o Programa do BNDES de Apoio ao Fortalecimento da Capacidade de Geração de Emprego e Renda (Progeren), que alimenta o capital de giro das empresas. Anteriormente, ela não contemplava o financiamento de empresas do setor sucroenergético, foi apenas depois do pleito da FAEP, no qual a federação mostrou ao banco o alto grau de endividamento das empresas do setor, resultante da crise internacional, da defasagem do preço do etanol e da queda do preço de açúcar no mercado internacional, que ela passou a financiar as usinas.

O terceiro pilar que vai sustentar essa travessia é o Programa BNDES de Apoio ao Setor Sucroalcooleiro (PASS), que tem como objetivo financiar obras para estocagem de etanol. A iniciativa é estratégica, uma vez que as usinas produzem combustível durante sete meses, mas exportam a produção ao longo do ano inteiro, de modo que é preciso dispor de estruturas adequadas de armazenamento e capital de giro.

A quarta linha de financiamento tem como objetivo apoiar projetos para geração de energia a partir da biomassa.

Trata-se talvez do pilar mais importante para promover a reativação do setor sucroenergético. Este é o instrumento que vai viabilizar a adequação tecnológica das usinas para o aproveitamento da queima da palha. Esta linha opera com taxa de juros de TJLP + 1,7% ao ano, com prazo para pagamento de 16 anos. As outras três linhas trabalham com taxas de mercado.

Evento

Para levar aos empresários e produtores do Estado as informações sobre o Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroenergético do Paraná, a FAEP, a Alcopar e o governo estadual realizam no próximo dia 30 de outubro, em Maringá o 1º Simpósio de Biomassa e Cogeração de Energia.

O evento é voltado a diretores, gerentes e colaboradores das usinas de açúcar e álcool, e produtores de cana de açúcar. Pela manhã as apresentações são voltadas à área agrícola e à tarde serão tratados de temas relativos à indústria.



O QUE É?

Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroenergético do Paraná

Investimento (privado) R\$ 4,5 bilhões

Duração – 3 anos (2016 - 2018)

Efeitos:

- Acréscimo na produção de cana de 85,5 mil toneladas em cinco anos
- Acréscimo nas exportações de açúcar VHP de US\$ 3,6 bilhões em seis anos
- Aumento na produtividade da cana de 15%
- Venda de energia elétrica para o sistema interligado: 3.251 GWh



A palha enfardada vira combustível nas usinas

Turbina verde

Hoje, com a colheita mecanizada da cana, a palha não é mais queimada no campo. Junto com o bagaço, que já é aproveitado para aquecer as caldeiras das usinas, ela pode ser usada para produção de energia elétrica através da queima da biomassa. Cada tonelada de cana produz 70 quilos de palha, aproximadamente. Não se trata de um recurso desprezível. Seu poder calorífico (PCI) é de 3.100 Kcal por quilo de palha, enquanto um quilo de bagaço produz apenas 1.740 Kcal.

Em valores energéticos, uma tonelada de cana equivale a 1,24 barril de petróleo. Segundo o consultor da FAEP Arthur Padovani Neto, o potencial da energia gerada pela queima da palha e do bagaço de cana no Paraná equivale a 1,2 turbina da usina de Itaipu. “É um senhor poço de petróleo que está aí”, compara.

De acordo com um estudo elaborado pelo consultor para o Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroenergético do Paraná, 13 usinas que geram energia a partir do bagaço venderam, em 2014, 756 GWh, enquanto o seu potencial estimado com as melhorias previstas no programa é de 4.958 GWh, cerca de seis vezes maior.

Além da autossuficiência energética dentro da usina, a energia excedente pode ser comercializada nos leilões de energia. “É uma receita significativa para a empresa”, avalia Padovani. Com isso, a impressão que se tem é que o setor estava desperdiçando um importante recurso ao incendiar a palha da cana. Como diz o ditado, “jogando fora o bebê junto com a água do banho”.

Benefícios Indiretos

O Programa de Reativação da Expansão do Setor Sucroenergético do Paraná irá irradiar para outros setores seus benefícios. O decreto estadual no qual o governo do Estado se compromete a apoiar o programa traz como premissa a geração de 12.800 novos empregos diretos e 30 mil empregos indiretos, além do fomento de negócios para as indústrias de bens de capital do Estado.

Isso ocorre porque dos R\$ 4,5 bilhões em investimentos do setor privado, R\$ 2,3 bilhões voltam para a cadeia produtiva, pois trata-se de compra de equipamentos e fertilizantes. Além disso, o projeto prevê o pagamento de uma massa salarial que soma R\$ 240 milhões por ano. Também entra na conta do benefício indireto os impostos estaduais e federais, que somam mais de R\$ 742 milhões por ano.

No que se refere à questão sanitária, a retirada de parte da palha da cana para a geração de energia traz benefícios, pois geralmente o excesso desse material nos canaviais favorece a proliferação de doenças e pragas.

Há ainda o benefício da descentralização da geração de energia, que poderia ser distribuída de forma mais racional de forma regionalizada. Com isso, as quedas e falhas do sistema elétrico atual, seriam menos frequentes. Um setor que poderia se beneficiar desta situação é a avicultura da região Noroeste, por exemplo, que hoje sofre com constantes quedas e interrupções no fornecimento de energia.



As experiências pedagógicas

Confira o resumo das 27 experiências pedagógicas apresentadas pelos professores na segunda etapa do concurso à banca de avaliação em Curitiba, nos dias 6 e 7 de setembro. Neste ano foram inscritos 524 projetos de escolas públicas e, desse total, 22 foram selecionados. Na rede particular, 42 trabalhos foram inscritos e cinco disputam o primeiro lugar.



Rede Pública



Regional: Curitiba
Município:
 Campina Grande do Sul
Escola: Marcos N. Strapassoni
Professor:
 Josias de Oliveira Padilha

“Musicalização, cidadania e humanização: levando a alegria em forma de canção”, foi o título do projeto do professor Josias. Ele estimulou os alunos do 2º ano através da musicalização. As ações envolveram a comunidade e a musicalidade reforçou a alfabetização das crianças.



Regional: Curitiba
Município:
 Campina Grande do Sul
Escola: Antônio J. de Carvalho
Professora: Rosita Vicentin

O projeto da professora Rosita trabalhou a conscientização a respeito do consumo de álcool e cigarro e recebeu o título “Cigarro X Álcool: não combina com a saúde do planeta. Nem com a sua”. A educadora organizou inúmeras atividades com os alunos e envolveu indiretamente toda a comunidade. Caminhada, blitz educativa e feira do conhecimento estão entre as ações realizadas por Rosita.



Regional: Ponta Grossa
Município: Castro
Escola: Terra Nova
Professora:
Carina Hampf de Oliveira

A professora Carina desenvolveu com seus alunos um projeto para estreitar os laços que unem o campo e a cidade, com o título “Projeto Agrinho – Lançando Sementes”. Baseando-se no livro “Que delícia de bolo”, ela trabalhou com as crianças sobre a origem dos ingredientes e organizou diversas ações, como aulas passeio para mostrar às crianças o caminho que cada produto faz do campo à área urbana. O projeto também envolveu a comunidade, com a confecção de sabão caseiro, de brinquedos feitos com sucata e de casa com caixas de leite.



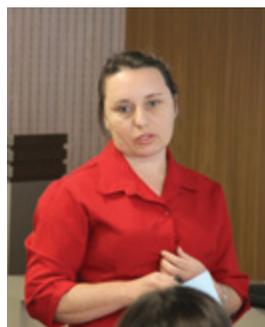
Regional: Ponta Grossa
Município: Ponta Grossa
Escola: Darcy Ribeiro
Professora:
Manuela Semkiw dos Santos

A professora Manuela trabalha em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e usou o cavalo para destacar a vida no campo e na cidade. A temática partiu do interesse das crianças ao visualizarem uma situação de abandono de um cavalo ao lado da escola. A situação evoluiu para a discussão de uma das imensas dificuldades presente na região: cavalos soltos nas ruas.



Regional: Irati
Município: Mallet
Escola:
Nossa Senhora de Monte Claro
Professora: Roseli Inêz Jagiello

Com o projeto “Agrinho no dia-a-dia escolar”, a professora Roseli trabalha com o material pedagógico do Agrinho durante o ano letivo. Com as atividades desenvolvidas em sala de aula, ela trabalha com os alunos fazendo a releitura de todo o material do Programa Agrinho. Entre as ações desenvolvidas pela professora, estão visitas a uma propriedade rural, para assistir a uma colheita de milho, e a um moinho.



Regional: Irati
Município: Prudentópolis
Escola: Tiradentes
Professora: Iracema Gardaz

De onde vem o pinhão? A questão inspirou a professora Iracema que trabalhou com seus alunos as diferenças da pinha, do pinhão e das espécies de araucária no Paraná. No desenvolvimento do projeto “Um olhar sobre a araucária: pinha, pinheiro e pinhão, articulando o campo e a cidade”, ela procurou valorizar o trabalho do homem no campo, seus costumes e mostrar de onde vem o alimento orgânico destinado à merenda escolar.



Regional: Guarapuava
Município: Pinhão
Escola: Maristela Tussi
Professora: Carmem Terezinha de Jesus Mendes Pedrosa

“A ideia que virou pipoca”, esse foi o projeto da professora Carmem. A ideia nasceu com a construção de uma horta suspensa para motivar os seus alunos. “Essa questão foi levantada por um aluno que relatou que em sua casa tinha muitos pimentões e ele queria vendê-los para ajudar a mãe, que estava grávida e não tinha enxoval para o bebê”, contou a educadora. Diante disso, ela, junto a outros colegas, formou grupos de estudo para desenvolver e despertar o empreendedorismo na sua comunidade.



Regional: Guarapuava
Município: Nova Laranjeiras
Escola:
Campo Francisco Manoel da Silva
Professora: Ana Moro

Com turmas do 1º ao 5º ano, a professora Ana buscou várias parcerias para colocar em prática o seu projeto “Meio ambiente e saúde”. O objetivo foi desenvolver e despertar os alunos sobre os cuidados com o meio ambiente, através de textos informativos, vídeos e palestras. Também desenvolveu atividades com reciclagem e sustentabilidade, como uma visita à Sanepar.



Regional: Pato Branco
Município: São João
Escola: São Pedro
Professora: Carolina B. Cucchi

“Quem Planta Colhe”, foi o projeto da professora Carolina, de São João. A ideia partiu da necessidade de criar hábitos alimentares saudáveis e melhorar o espaço externo da escola. Ao longo das etapas do projeto foram desenvolvidas diversas ações: instalação de um pomar, horta convencional, eco-horta, painéis, móveis, leituras, releituras de obras de arte, produção de textos, criação de peças teatrais educativas, maquetes, música, livro de receita, dia da fruta, passeios e apresentações. “Só quem planta sabe os frutos que colhe. Acredito que podemos sim ter um mundo melhor”, finalizou Carolina.



Regional: Pato Branco
Município: São João
Escola: Castro Alves
Professora: Lorena M. Delacort

A professora Lorena focou o seu projeto no papel do agricultor no dia-a-dia das pessoas. “A maioria dos alunos que residem na área urbana e achava que os alimentos vinham prontos do supermercado”, explicou Lorena. Com o projeto “Do campo vem o grão e nós produzimos o pão”, ela realizou diversas ações, como entrevistas com as cozinheiras da escola e os alunos visitaram uma padaria para conhecer o processo de fabricação do pão. Além disso, também foi realizada uma campanha de conscientização contra o desperdício de pães.



Regional: Francisco Beltrão
Município: Renascença
Escola: Ida Kummer
Professora: Neli C. Colombo

O foco do projeto da professora Neli foi a preservação de árvores. O objetivo foi despertar nos alunos a importância sobre o tema e evitar a derruba de árvores no pátio da escola. Na primeira etapa, ela trabalhou com a turma em sala de aula a construção de cartazes com frases de preservação, o que acabou mobilizando os demais alunos da escola. Depois disso, os alunos escreveram

histórias em quadrinhos sobre o diálogo entre duas árvores. As histórias se transformaram no livro “Árvores que viraram história”, cujo conteúdo inclui espécies de árvores nativas, matas ciliares e reflorestamento. O material foi distribuído nas escolas de Renascença.



Regional: Francisco Beltrão
Município: Planalto
Escola: Laudio A. Heinen
Professora: Leci S. Walbring

Com o tema “As coisas que ligam o campo e a cidade e nosso papel para melhorar o mundo”, a professora Leci trabalhou com a sua turma com diversas ações, entre elas, reciclagem de lixo, visitas a propriedades rurais, produção de textos e a preservação do meio ambiente. “O nosso objetivo foi despertar no aluno ações reflexivas sobre o papel que cada um de nós desempenha na construção de um mundo melhor”, declarou a professora.



Regional: Matelândia
Município: Guairá
Escola: Sebastião Camarini
Professora: Daiane Iara Guedis

O projeto “Interação no mundo da leitura” da professora Daiane foi desenvolvido com o objetivo de melhorar o padrão de leitura na turma do 3º ano. Na primeira etapa do projeto foi realizada a 1ª oficina com a coleção Agrinho 3. Na etapa seguinte o conteúdo Agrinho Conhecendo o Campo e a cidade também foi trabalhado entre os alunos.



Regional: Matelândia
Município: São Miguel do Iguaçu
Escola: Serafin M. de Souza
Professora: Geni Kelli Dal Moro

“Por uma gota de Cooperação”, foi o projeto da professora Geni. Após trabalhar com a sua turma de alunos o material do livro da Coleção 4 do Agrinho, eles começaram a fazer uma pesquisa sobre assuntos relacionados ao campo. Durante as aulas, as crianças levantaram diversos assuntos e perceberam que, além dos produtos oriundos da área rural, a água também é um dos principais elos

entre a zona rural e urbana. Ao longo do projeto foram realizadas diversas ações, como a conscientização da comunidade para reduzir o consumo e evitar o desperdício de água. Além disso, a entrega de panfletos com dicas contra o desperdício e também foi criada uma página no Facebook para divulgar o assunto.



Regional: Campo Mourão
Município: Engenheiro Beltrão
Escola: Irma Dulce
Professora: Ângela Maria Bravin

“Do campo à cidade pode ser a cavalo”, esse foi o projeto da professora Ângela. A experiência pedagógica envolveu alunos do 1º ao 5º ano da escola e resgatou o cavalo, como importante animal do desenvolvimento do país.

A professora trabalhou com diversos recursos didáticos para incentivar o contato das crianças com o animal, como a realização de passeios e aulas sobre o tropeirismo no Paraná. “Foi uma experiência única na vida de muitos alunos, com ricos momentos de aprendizagem, aventura, lazer e superação de limites”, relatou a educadora.



Regional: Campo Mourão
Município: Campo Mourão
Escola: Mário de M. Quintana
Professora: Larissa de S. Vieira

A professora Larissa trabalhou com alunos da 5ª série a segurança e a educação no trânsito. Com o título “As rodovias e as estradas que ligam o campo à cidade e nosso papel para conscientizar as pessoas a respeitarem e melhorar o trânsito ao redor da escola”, o projeto envolveu a comunidade, autoridades do município e até mesmo do governo estadual.

“As crianças da área rural e da urbana não tinham informações sobre a legislação de trânsito”, justificou a professora.



Regional: Londrina
Município: Cambará
Escola: Maria A. B. Augusto Forti
Professora: Ana Paula P. de Souza

A qualidade da água foi o tema central do projeto da professora Ana Paula. Com o título “Projeto

Água – Pequenas iniciativas geram grandes mudanças”, ela desenvolveu diversas ações para despertar nos alunos a conscientização no uso da água. O projeto levantou a necessidade da realização da análise de água no município devido à contaminação de agrotóxicos. A ideia mobilizou a comunidade e foi acatada pela Câmara de Vereadores, que determinou uma análise das águas de poços artesianos no município.



Regional: Londrina
Município: Itambaracá
Escola: Elza Ruiz Vieira
Professora: Shirlei Aparecida de Andrade

“De onde vem o peixe, professora?”, questionou um dos alunos à professora Shirlei. Sensibilizada, ela decidiu correr atrás de informação e levou as crianças para

conhecer de perto a criação de peixes. Com o título “Tilápia na mesa, alegria com certeza!”, a professora desenvolveu diversas ações, entre elas, visitas às estações de alevinos e fábricas de tanque. “Nossa região é cortada por rios, isto é, favorável ao desenvolvimento da piscicultura. Por isso é importante mostrar às crianças a importância econômica dessa atividade”, relatou.



Regional: Umuarama
Município: São Jorge do Patrocínio
Escola: João Batista de Melo
Professora: Silvana Cunha Bincoletto

A alimentação saudável foi o foco do projeto “Horta encantada por uma alimentação saudável

”, apresentado pela professora Elaine. Com a preocupação de produzir alimentos sem o uso de agrotóxicos, a professora incentivou os alunos na construção de hortas suspensas com a utilização de garrafas pets. “A ideia deu tão certo na comunidade que por onde a gente passava é possível enxergar uma horta suspensa”, relatou a professora. Na segunda etapa da experiência pedagógica as crianças também fizeram uma horta em pequeno espaço na escola que estava abandonado.



Regional: Umuarama
Município: Terra Boa
Escola: Adriano Franco
Professora:
 Elaine de S. Barbosa Bernardes

Dos 28 alunos da turma da professora Elaine, três residem na área rural de Terra Boa e todos os dias precisam do ônibus para chegar à escola e também para voltar para casa. Eles chegavam no horário, mas tinham que sair 15 minutos mais cedo para pegar a condução. Diante dessa situação, ela observou que esses alunos eram chamados de “caipiras” pelos colegas da área urbana. Com isso, ela desenvolveu o projeto “Caipira Sim! E de coração! Produzindo alimento para toda nação”, valorizando o trabalho do homem no campo.



Regional: Mandaguaiçu
Município: Marilena
Escola: Naymi Abrão Nasser
Professora: Daiane M. Nicolau

Com o “Projeto Mandiocultura: do campo para a mesa”, a professora Daiane trabalhou com a sua turma o impacto e importância da cultura de mandioca na região. Ao longo das fases desse projeto, a educadora promoveu aulas de campo, com visitas a propriedades rurais, indústria e supermercados. A partir dessas vivências, segundo Daiane, os alunos desenvolveram redações e desenhos.



Regional: Mandaguaiçu
Município: Marilena
Escola: Naymi Abrão Nasser
Professor: Simoni Soares Major

Qual é o impacto do óleo usado em fritura em relação aos solos e recursos hídricos? Esse é foco do projeto “Reciclagem de óleo vegetal utilizado em frituras”, da professora Simoni. Inicialmente, ela elaborou um questionário com questões pertinentes ao uso do produto nos lares dos alunos. Com isso, constatou que o produto é utilizado pelo menos duas vezes por semana. A partir daí, a professora desenvolveu

várias ações, entre elas, a fabricação de sabão caseiro e a instalação de coletores de óleo na escola, através da parceria com uma empresa.

Rede particular



Regional: Ponta Grossa
Município: Castro
Escola: Adventista Castro
Professora:
 Sabrina Caroline França Souza

O projeto “Todos em alerta contra a obesidade infantil”, da professora Sabrina, iniciou-se com a problemática de uma mãe que procurou a educadora pedindo ajuda em relação à alimentação da filha, que estava acima do peso. Diante disso, Sabrina decidiu trabalhar com seus alunos hábitos mais saudáveis na alimentação e mostrar o papel do produtor rural na hora de produzir esses alimentos. Para isso promoveu dias de campo, como visitas dos alunos às propriedades rurais. Além disso, a professora mobilizou os pais com a aplicação de fichas para saber o que os filhos estavam comendo.



Regional: Ponta Grossa
Município: Castro
Escola:
 Osvaldo Biasso - APAE
Professora:
 Alice Ramos Bartmeyer

“A arte com a natureza no campo e na cidade”, esse foi o projeto da professora Alice. Ela trabalhou com seus alunos na disciplina de Arte e realizou inúmeras ações para o desenvolvimento do projeto. Entre elas, a coleta de materiais na natureza para transformá-los em outros objetos, como um nariz de Pinóquio feito de madeira, por exemplo. A turma também visitou a Colônia Terra Nova, em Castro, onde conheceram um pouco da história dessa comunidade alemã e a atividade leiteira.



Regional: Campo Mourão
Município: Lidianópolis
Escola: Rosa Alves - APAE
Professora: Deise C. Furlan

A professora Deise trabalha na APAE de Lidianópolis e trabalhou com a sua turma o projeto “Cidadania em prol da vida”. Ao longo das fases da experiência pedagógica, a educadora desenvolveu atividades teóricas e práticas, como a visita a uma cooperativa de reciclagem, o preparo de uma estufa para o plantio de cebolinha e a coleta de ervas medicinais.



Regional: Guarapuava
Município: Pitanga
Escola:
Clodoaldo S. de Franca - APAE
Professora: Marizeli T. Beló

Com o título “Conhecendo história, compreendendo vidas”, a professora Marizeli trabalhou o conteúdo do material Agrinho com a turma de idade entre 18 e 50 anos. Diante do contexto “As coisas que ligam o campo e a cidade e o nosso papel para mudar o mundo”, ela trabalhou com os alunos como os alimentos são produzidos. Além disso, desenvolveu ações sobre questões relacionadas à saúde, higiene e cuidados com o corpo.



Regional: Londrina
Município: Santa Mariana
Escola: Escola Maranata
Professora:
Flávia Tinelli Amadei

O desperdício de alimentos na hora do lanche foi a abordagem encontrada pela professora Flávia em seu trabalho. “Será que os alunos realmente sabiam o valor desses alimentos que eles desperdiçavam?”, questionou a professora. Para descobrir e entender desde o início do plantio até o processo de industrialização de um produto, ela e a turma de alunos fizeram várias visitas, entre elas a propriedades rurais e indústrias de alimentos.



OS TRÊS FINALISTAS DA CATEGORIA MUNICÍPIO

Todo ano o Programa Agrinho celebra as experiências desenvolvidas pelos alunos e professores do Paraná. No próximo dia 26 de outubro, não vai ser diferente, durante a premiação do Concurso Agrinho 2015, no Expotrade, em Pinhais.

Neste ano, o Concurso Agrinho recebeu 5.087 trabalhos em todas as áreas. Desses milhares, 20 foram inscritos na categoria Município Agrinho, destinado à rede pública de ensino. Os trabalhos foram classificados de acordo com as regionais, com os três melhores lugares. Confira abaixo:

1º lugar

Regional - Curitiba

Município – Campina Grande do Sul

Relatora – Lismari Bontorim Giacometti

Em Campina Grande do Sul, na Região Metropolitana de Curitiba, para aproveitar o material oferecido pelo Programa Agrinho, a Secretaria Municipal da Educação promoveu oficinas com professores da 1ª a 5ª série, dos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEI) e do Ensino Especial. “O professor teve contato com todas as revistas do Agrinho, conhecendo o conteúdo e a proposta de cada uma. Dessa forma, ele pode explorar o conteúdo da melhor maneira possível”, contou a coordenadora de Projetos da Secretaria Municipal, Lismari Bontorim Giacometti. Participaram 11 escolas e 16 CEMEIs.

2º lugar

Regional – Pato Branco

Município – São João

Relatora – Mônica Casagrande

No município de São João, região Sudoeste do Paraná, a Secretaria Municipal de Educação promoveu uma campanha para incentivar os moradores a regularizar os seus documentos, como a carteira de identidade e de trabalho. A campanha envolveu 12 escolas, com a participação de professores e alunos. “O nosso

objetivo foi de conscientizar a população da importância de estar com a documentação em dia para garantir seus direitos enquanto cidadão”, explica a pedagoga Mônica Casagrande.

3º lugar

Regional – Ponta Grossa

Município – Castro

Relatora – Luciane Aparecida da Silva Farias

“As coisas que ligam o campo e a cidade e o nosso papel para melhorar o mundo”. Este é o tema dos trabalhos desenvolvidos pelo Programa Agrinho 2015. E, dentro desse assunto, as escolas de Castro desenvolveram mais de 50 experiências pedagógicas. Entre elas, de acordo com a coordenadora de Programas e Projetos da Secretaria Municipal de Educação de Castro, Luciane Aparecida da Silva Farias, a leitura de redações dos alunos de 25 escolas municipais e 12 do CEMEIs na rádio local Antena Sul.



Balanço do CAR em setembro

O Paraná continua em 4º Lugar no ranking de imóveis cadastrados



O Paraná continua em 4º lugar no ranking nacional, com 174.116 imóveis cadastrados, segundo dados do Sistema de Cadastro Ambiental Rural (Siscar) e do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) referentes ao mês de setembro.

Em primeiro lugar está Minas Gerais, seguido de São Paulo e Santa Catarina.

Foram cadastrados 194.757, ou 32,7%, dos 532.840 imóveis rurais (Incra) do Paraná. Em área cadastrada, o Paraná está com 40,6%.

Em setembro, houve um acréscimo de apenas 539 imóveis a mais do que em agosto. Foram realizados 8.089 cadastros no mês. “O valor ainda está abaixo da meta para atingir a totalidade dos imóveis até prazo limite de 5 maio de 2016”, avalia a engenheira-agrônoma da FAEP, Carla Beck especialista em Meio Ambiente.

O maior número de cadastros continua nas áreas de até quatro módulos fiscais, com 163.368 imóveis. Já áreas de cinco a 10 módulos fiscais tiveram cadastrados 6.451 imóveis. Acima de 10 módulos fiscais, foram 4.297 imóveis, ao todo.

MUNICÍPIOS COM MAIOR NÚMERO DE CADASTROS NO PARANÁ

	Município	Nº de Imóveis
1º	Assis Chateaubriand	3.180
2º	Marechal Cândido Rondon	2.183
3º	Toledo	1.998
4º	Santa Helena	1.980
5º	Cascavel	1.851
6º	São João do Triunfo	1.683
7º	Francisco Beltrão	1.619
8º	Irati	1.617
9º	Pitanga	1.536
10º	São José dos Pinhais	1.518

Dados referentes ao período de 05/05/2014 a 30/09/2015

SHINDO RENMEI

O caso surpreendente dos japoneses que viviam no Brasil, mas não acreditaram na derrota de seu império na Segunda Guerra Mundial



O fim da Segunda Guerra foi mais traumático para os japoneses do que nós, brasileiros, podemos imaginar. Mesmo aqui no país, a rendição dos orientais provocou uma reação surpreendente: a formação de uma organização secreta, a Shindo Renmei (literalmente, “caminho dos súditos), que continuou a resistir, usando táticas terroristas e perseguindo seus compatriotas que acreditaram na derrota japonesa. Seus membros foram acusados de assassinar 23 pessoas e ferir 147 – a maioria imigrantes considerados “traidores” por terem afirmado publicamente que o Japão perdeu a

guerra ou por colaborar com as autoridades brasileiras.

A história da Shindo Renmei foi descrita no livro *Corações Sujos*, do jornalista mineiro Fernando Morais. O livro, publicado em 2000, acabou sendo adaptado para filme pelo cineasta Vicente Amorim, em 2011. Na obra, Morais investiga o nacionalismo japonês e conta os choques entre os colonos orientais e os brasileiros na época da guerra. A hostilidade estava no ar: os brasileiros, que já estranhavam os costumes nipônicos – desde o hábito de as mulheres carregarem os filhos atados às costas, que os caixas comparavam aos macacos, até os banhos tomados no exótico ofurô –, passaram a atacar abertamente os imigrantes, vistos agora

como inimigos de guerra. Possíveis espões até, mesmo que as circunstâncias o desmentissem: a maioria deles não passava de agricultores pobres, que moravam em casebres na zona rural de lugarejos afastados da capital brasileira (na época, o Rio de Janeiro).

No tempo da guerra era proibido ensinar, falar e até cantar em japonês e também em italiano e alemão. A repressão às “potências do Eixo”, no entanto, era mais forte contra os japoneses. Além do extremo choque cultural, pesava contra os japoneses o fato de que, das várias levas de imigrantes que chegaram ao Brasil, era a que levava mais em consideração o orgulho nacional e que tinha mais dificuldade em integrar-se com a população local.

A Shindo Renmei foi criada para resgatar o orgulho nacional dos japoneses em meio a essa repressão, em 1942. Com o fim da guerra, passou a se dedicar a combater as “falsas notícias” da rendição e os “corações sujos” (em japonês, *makegumi*), que era como os japoneses chamavam aqueles que acreditavam na derrota. Entre eles estavam dirigentes de cooperativas, como Ikuta Mizobe, da Cooperativa Agrícola de Bastos (SP); e empresários, como Chuzaburo Nomura, conhecido como o “o Rei do Rami” pela sua atividade de beneficiamento de fibras vegetais. Ambos foram mortos pela Shindo Renmei.

A polícia paulista e os serviços de informação apertaram o cerco sobre os *tokkotai* (em japonês, “pelotão especial de ataque”, que era como eram chamados os encarregados de matar os traidores na colônia) e os membros da organização. O último assassino ligado à Shindo Renmei foi preso em janeiro de 1947. Ao todo, de acordo com o livro de Fernando Morais, foram identificados como suspeitos de ter ligações com a entidade 31.380 imigrantes. O Ministério Público formalizou acusações contra 1.423, e a Justiça aceitou a denúncia de 381. O governo brasileiro decretou em 1946 a expulsão de 80 deles do país – uma sentença que nunca foi cumprida. Recursos sucessivos os mantiveram presos até 1956, quando o presidente Juscelino Kubitschek os anistiou.

O tenente que não se rendeu



Ficou famosa em todo mundo a história de Hiro Onoda, o militar que ficou por quase três décadas escondido nas florestas das Filipinas, recusando-se a dar ouvidos a qualquer informação sobre o fim das hostilidades, que via como uma estratégia de propaganda das nações inimigas. A história de Onoda, por sinal, tem ligações com o Brasil.

O tenente Onoda fazia parte do serviço de informações das forças armadas japonesas, e foi enviado para a ilha de Lubang para espionar instalações dos aliados. Quando a guerra já se encaminhava para o fim, as forças japonesas instaladas no local foram varridas pelos americanos, mas Onoda e um pequeno grupo conseguiram escapar. Sustentaram-se com alimentos coletados na mata ou roubados de fazendeiros vizinhos. As condições de vida eram difíceis e, um a um, os três subordinados de Onoda foram morrendo. O último deles foi o soldado Kinsichi Kozuka, que estava junto com Onoda quando trocou tiros com a polícia filipina. Esse evento permitiu que ele fosse identificado.

Em fevereiro de 1974, o aventureiro japonês Norio Suzuki desembarcou na ilha em busca do tenente. Encontrou-o em poucos dias, mas seus esforços não foram suficientes para convencê-lo a se entregar. Levou fotos que comprovavam o encontro, e o governo japonês acabou enviando o superior de Onoda, o major Yoshimi Taniguchi, que o dispensou oficialmente da missão. Onoda entregou-se em março de 1974. Ele foi o penúltimo japonês a render-se: o soldado Teruo Nakamura, preso em dezembro do mesmo ano na Indonésia, o suplantou.

Onoda voltou ao Japão, mas não se adaptou ao estilo de vida nem à atenção pública que chamava. Por isso decidiu migrar para o Brasil, onde já vivia um de seus irmãos. Tornou-se fazendeiro e criador de gado em Terenos, no Mato Grosso do Sul. Viveu lá por apenas cinco anos, antes de regressar ao seu país, mas continuou a visitar o Brasil regularmente até sua morte, aos 91 anos, em janeiro do ano passado.

O adubo que vem da granja

Abundante em algumas regiões do Estado, cama de aviário aumenta matéria orgânica do solo e reduz a necessidade de fertilizantes químicos

André Amorim



O Paraná é o maior produtor nacional de frangos, responsável por cerca de 30% da produção brasileira e também o maior exportador de aves do país. Desta forma, não é de estranhar que o Estado também seja o campeão em produção de cama de aviário. O composto orgânico – formado pelo dejetos das aves confinadas misturado com serragem, maravalha (aparas finas de madeira) ou outro substrato – constitui um ótimo fertilizante, que é usado amplamente nas lavouras paranaenses.

Segundo dados da Embrapa, ao longo de um período de 42 a 49 dias (tempo em que o lote de animais fica no aviário, até o abate), cada lote de 1 mil frangos produz cerca de 2 toneladas de cama. Um aviário médio, de 100m x 12m, tem capacidade para alojar 20.400 aves a cada lote, o que representa 40,8 toneladas de cama. Essa medida varia de acordo com o material usado como

substrato, mas serve para dar ideia da sua dimensão. Em todo o Paraná, temos mais de 19 mil aviários.

Trata-se de um recurso abundante, que, caso não fosse empregado na agricultura, se converteria numa grande dor de cabeça para os avicultores, que teriam que dar a destinação correta ao dejetos, de acordo com o que reza a legislação de logística reversa. Em vez disso, converte-se numa fonte de renda extra para os donos de granjas, além de um importante aliado da produção rural, que pode reduzir significativamente o uso de fertilizantes minerais.

Outra vantagem é sua capacidade de elevar o índice de matéria orgânica no solo. Foi esse fator que levou o produtor Alisson Hilgenberg a utilizar a cama de aviário como adubo na última safra. Conhecido como campeão da soja por ter obtido a maior produtividade da oleaginosa por hectare em todo Brasil na safra



Alisson Hilgenberg utilizou a cama de aviário na sua lavoura campeã

2014/15, ele utilizou 10 toneladas de cama de aviário por hectare um mês antes da semeadura. Seu plano é repetir a dose na próxima safra. “Aí você pode diminuir a carga de químico”, afirma ao referir-se à presença de elementos como fósforo, potássio e, principalmente, nitrogênio no composto.

“É uma excelente fonte de nutrientes, não só nitrogênio, mas também micronutrientes e de outros macronutrientes”, explica o engenheiro-agrônomo e professor da área de fertilidade química do solo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Luiz Antonio Lucchesi. Segundo ele, o esterco é rico na medida em que a ração balanceada consumida pelos frangos de granja possui todos estes nutrientes. “E o que entra tem que sair”, pondera.

Segundo Lucchesi, a afirmação de que o uso de cama de aviário aumentaria a acidez do solo é incorreta. “Os adubos nitrogenados que têm o amônio oxidado a nitrato, como uréia, geram acidez. Também o próprio processo de absorção de nutrientes do solo pelas plantas gera acidez, pois estes são substituídos pelo hidrogênio excretado.”, explica. “O grande benefício é a matéria orgânica e o nitrogênio na forma orgânica, que tem lenta liberação”, afirma.

Uso correto

Para aplicar corretamente a cama de aviário, é preciso seguir algumas recomendações. Segundo o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), antes de ser aplicado no solo, o material deve sofrer processo de fermentação por 10 dias. Sua armazenagem deve ser realizada em local adequado, de modo a evitar a proliferação de vetores de doenças. O órgão também proíbe o uso de produtos químicos no tratamento da madeira que será utilizada como substrato da cama.

Segundo a engenheira-agrônoma Carla Beck, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, a cama de aviário

deve ser decomposta para ser melhor utilizada. Nesse processo, o material melhora a fertilidade, mantendo o PH estável. O ideal é que ela repouse ao longo de, pelo menos, seis lotes de frango. “Aqui no Paraná chegam a reutilizar por até dez lotes”, explica Beck.

A taxa de aplicação no solo deve levar em conta as características físico-químicas do resíduo e a as necessidades do solo e da cultura a ser semeada. Vale lembrar que aplicação em excesso significa sobra de nutrientes, o que também não é bom. Dessa forma, a recomendação é que seja consultado sempre um especialista para orientar essa aplicação. “O mais importante e a recomendação agrônômica”, orienta Carla.

Logística limitante

A importância econômica da cama de aviário para a cadeia da avicultura é grande. Segundo levantamento realizado pela FAEP em 2014, dos 40 sistemas de produção pesquisados em nove regiões produtoras do Paraná, 30 apresentavam resultados negativos quando a receita da venda da cama de aviário era retirada da conta. Ou seja, sem a venda da cama, a atividade apresenta prejuízo na maioria dos sistemas.

Talvez o principal entrave para uma maior utilização da cama seja a logística. Hoje existem no Paraná regiões com ampla produção avícola, como o Oeste e o Sudoeste, onde esse recurso é abundante – e, por consequência, barato – e outras onde ele é escasso, como a região Centro-sul. Como se trata de um produto com pouco valor agregado e muito volumoso, o custo do frete inviabiliza sua utilização.

Modo de usar

Veja dicas para usar melhor a cama aviária

1. Antes de ser aplicada no solo, a cama aviária deve ser submetida a um processo de fermentação por 10 dias.
2. O armazenamento deve ser em local adequado e isolado, para evitar a proliferação de doenças.
3. A aplicação deve levar em conta as características físico-químicas do resíduo e as necessidades do solo e da cultura.
4. O uso dos resíduos para alimentação de ruminantes é terminantemente proibido, porque pode provocar a contaminação pela encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca).

Fórum no IEP vai discutir concessões

Debates vão tratar de investimentos para tirar o Brasil da crise



Raul Velloso: investimento privado para revigorar a infraestrutura brasileira

A palavra do momento é crise, o Brasil está girando em torno dela. Da padaria ao consultório médico, do ambulante à imprensa todos estão sentindo as consequências do momento econômico atual. A questão é: como sair da crise?

Uma das soluções é atrair o investimento da iniciativa privada em infraestrutura, acelerando o crescimento econômico e a arrecadação do governo. A fórmula é do consultor econômico e um dos maiores especialistas em contas públicas no Brasil, Raul Velloso, que defende que os investimentos em infraestrutura têm a capacidade de expandir a capacidade de produção do país e

de aumentar a produtividade geral da economia. Um Brasil mais produtivo aumenta a taxa de crescimento do PIB no curto prazo.

Recorrer ao investimento da iniciativa privada para recuperar o atraso tanto na quantidade quanto na qualidade da infraestrutura disponível, em especial, estradas e aeroportos, traz o benefício de se ter disponível a capacidade de planejamento e de tecnologia que o setor dispõe em contraponto ao serviço público.

Em seu livro *Infraestrutura: os caminhos para sair do buraco*, resultado de estudo realizado em parceria com César Mattos, Marcos Mendes e Paulo Springer de Freitas, o autor ressalta

que “há estudos mostrando que, para o Brasil, a deficiência de infraestrutura é muito mais prejudicial ao comércio exterior que o protecionismo dos países desenvolvidos ou a falta de acordos gerais de comércio”.

Discussão Oportuna

Para atrair a iniciativa privada é necessário incentivos adequados, o que vai na contramão das políticas eleitoreiras que faz com que governos busquem resultado a curto prazo (obras que possam inaugurar) e a resistência ideológica com relação a privatização. No estudo sobre o tema, o economista explica que “tentar implementar uma política de baixas tarifas para o usuário, sem o devido subsídio do setor público, implica tentar fazer com que o setor privado subsidie os usuários do serviço”.

Obviamente, não cabe ao setor privado oferecer tais subsídios. “Optar, agora, por, forçar a mão, em favor de tarifas mais baixas, sem o correspondente subsídio público, pode resultar em concessões que prestem serviços ineficientes, de baixa qualidade para a população”.

Em contrapartida, legislação clara e agências reguladoras com capacidade de impor as regras definidas nos contratos também são instrumentos de atração de investimentos e de garantia ao governo.

Colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Globo, Velloso discorrerá sobre o tema no próximo dia 19, no Fórum “Infraestrutura, uma saída para a crise”, promovido pelo Instituto de Engenharia do Paraná (IEP). O presidente do IEP, Nelson Luiz Gomes afirma que “o debate é oportuno, considerando que, uma nova rodada de leilões está prevista para o próximo ano, além da questão que está se discutindo de renovação da delegação do Anel de Integração do Paraná”.

Especialista em concessões públicas e PPP, o professor da PUC-SP Gabriel Galípolo abordará os aspectos financeiros dos projetos. Ele foi responsável pela modelagem econômica de diversos projetos de concessões e PPPs. Foi chefe da Assessoria Econômica da Secretaria de Transportes Metropolitanos do Estado de São Paulo (2007) e Diretor de Estruturação de Projetos da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo (2008).

O professor da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR, Egon Bockmann Moreira, explanará sobre os aspectos jurídicos das concessões. Moreira é professor visitante da Faculdade de Direito de Lisboa (2011). Professor convidado do Centro de Estudos de Direito Público e Regulação - CEDIPRE, da Faculdade de Direito de Coimbra (2012).



Galípolo, ex-diretor da Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo

Programação:

O Fórum “Infraestrutura, uma saída para a crise” será dia 19 de outubro, a partir das 13h30, no Centro de Eventos do IEP, na Rua Emiliano Pernetá, 174 - 1º andar. Informações: (41) 3068-9858

13h30

Raul Velloso, consultor econômico e colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Globo, autor do livro “Infraestrutura, os caminhos para sair do buraco”.

15h30

Gabriel Galípolo, professor da PUC de S. Paulo e especialista em concessões públicas e PPP.

17h00

Egon Bockmann Moreira, advogado, professor da Universidade Federal do Paraná e especialista em contratos públicos.

Sem soja safrinha a partir de 2017

Portaria da Adapar estabelece o período de semeadura e colheita, e proíbe plantio de soja sobre soja no mesmo ano agrícola



A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) divulgou na última quarta-feira (7) a Portaria nº 193, que estabelece o período de semeadura e colheita da soja no Estado e traz outras medidas, como a proibição do cultivo de soja após soja na mesma área e no mesmo ano agrícola. Com isso, a chamada soja safrinha fica proibida no Estado. A portaria entra em vigor no ano agrícola 2016/17.

Considerando a importância econômica da cultura da soja no Paraná, a medida visa proteger a produção de pragas como a ferrugem asiática e fortalecer a defesa sanitária vegetal.

Segundo o consórcio nacional de combate à doença, estudos científicos comprovaram que o fungo *Phakopsora pachyrhizi* está se tornando resistente aos principais químicos utilizados no seu controle. Sem a perspectiva de entrada de novas moléculas de fungicidas no mercado, diversos especialistas vêm alertando que é preciso revisar os protocolos de manejo para que a doença não fique sem controle.

O texto estabelece que o período para semeadura da soja deverá ocorrer de 16 de setembro a 31 de dezembro e o prazo final da colheita no dia 15 de maio. Nesse período todas as plantas vivas de soja devem ser eradicadas, sob pena de multa para o produtor que descumprir. Após essa data, todas as áreas de soja do Estado deverão estar colhidas ou com as plantas dessecadas.

A portaria determina que os proprietários que têm áreas inviabilizadas pela ferrugem asiática devem eliminar essas lavouras imediatamente, independente do prazo para a eliminação de plantas vivas determinado no calendário do vazio sanitário.

Posição pela pesquisa

A FAEP vinha se posicionando publicamente para que as medidas de controle da ferrugem fossem adotadas imediatamente, e não apenas na safra 2016/17. Durante audiência pública sobre o tema ocorrida na Assembleia Legislativa, no último dia 29 de setembro, a Federação manteve sua posição que leva em consideração a pesquisa científica, colocando-se a favor da proibição da soja safrinha para evitar a disseminação da ferrugem.

CTA de Assis recebe visita do SENAR nacional



Uma comitiva de superintendentes e técnicos do SENAR de sete Estados (Goiás, Tocantins, Bahia, Pará, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) visitou o Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand, no último dia 24 de

setembro. Durante a visita, coordenada pelo Secretário Executivo do SENAR nacional, Daniel Carrara, o grupo conheceu o modelo de gestão e também acompanhou as atividades realizadas no primeiro Centro Tecnológico de Avicultura do Paraná no CTA. “O CTA é um exemplo de gestão e referência para o país, com o uso de altas tecnologias. Outro grande diferencial é o fato de ter um alojamento, que hospeda os alunos e ainda serve refeições durante os cursos. Vamos analisar como iremos adotar esse modelo para levar para outros Estados do país”, avaliou Daniel.

Sobre o Centro Tecnológico de Avicultura, o aviário instalado no CTA, ele resumiu: “Esse aviário é o resultado de uma boa gestão através de parcerias para melhorar a capacitação na região”. O superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto, acompanhou a visita da comitiva.

Nota

Seminários de pecuária de corte

Nos últimos dias 6 e 7 de outubro, em torno de 150 pessoas participaram dos seminários para a apresentação do Plano Integrado de Desenvolvimento de Bovinocultura de Corte, em Guarapuava e Laranjeiras do Sul, respectivamente. “Durante os encontros, estamos detalhando as diretrizes do plano e formando os comitês gestores nas regiões produtores”, destacou o engenheiro-agrônomo Rodolpho Luiz Werneck Botelho, presidente da Comissão de Bovinocultura de Corte da FAEP e coordenador do Comitê Gestor do Plano.

A programação dos seminários segue para Cascavel (dia 14 de outubro), Umuarama (15), Cidade Gaúcha (15), Campo Mourão (16), Francisco Beltrão (20), Pato Branco (21), Cornélio

Procópio (27), Santo Antônio da Platina (28). Em novembro, os seminários serão realizados em Maringá, dia 4, Londrina (5), Ivaiporã (6) e Pitanga (dia 6).



Deputado apoia iniciativa da FAEP

Em ofício enviado ao presidente da FAEP, Ágide Meneguette, o deputado estadual Ney Leprevost manifestou seu apoio ao movimento de protesto contra as iniciativas federais e estaduais de elevar a carga tributária. O parlamentar referiu-se, especificamente, à intenção de Brasília em recriar a Contribuição

Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e a proposta do Paraná de criar alíquotas progressivas para o Imposto de Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCMD). “No contexto atual, novos reajustes tributários representariam novos prejuízos à sociedade, tendo em vista que já sofremos maçantes reajustes neste ano”, escreveu Leprevost. “Concordamos plenamente com a ideia de que, antes de majorar os impostos, é necessário que o governo apresente medidas que diminuam seus gastos com a ‘máquina pública’.”

Mestrado em Agricultura Conservacionista

Vai até o 30 de outubro o prazo para inscrição para o mestrado em Agricultura Conservacionista ofertado pelo Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar). O objetivo do curso é capacitar no ramo de agricultura conservacionista profissionais de Ciências Agrárias e áreas afins; contribuir para alcançar uma agricultura mais

produtiva e sustentável; garantir a renda dos agricultores sem que haja dano ao meio ambiente, preservando recursos produtivos para as gerações futuras; e desenvolver técnicas sustentáveis e de ótima produção. A duração é de 12 a 24 meses, incluindo a apresentação e defesa pública da dissertação. As áreas de concentração são três: Manejo Conservacionista dos Recursos Naturais, Produção e Proteção Vegetal e Genética, Melhoramento e Biotecnologia Vegetal.

Mais informações pelo e-mail pgiapar@iapar.br, pelo site do instituto (www.iapar.br) ou pelo telefone (43) 3376-2153.

Incra atesta produtividade da Fazenda Figueira



A superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) no Paraná informou no dia 5 de outubro que a Fazenda Figueira, localizada em Londrina, foi classificada no Sistema Nacional de Cadastro Rural como “Grande Propriedade Produtiva”. A fazenda foi invadida por integrantes do Movimento Sem Terra (MST) em agosto deste ano. Desde 2.000, a propriedade é gerenciada pela Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), com suporte técnico do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ).

A partir da expedição do documento, o MST tinha até três dias para desocupar a fazenda. Funcionários da fazenda relataram que os integrantes do movimento começaram a deixar as terras no mesmo dia da decisão. A Fealq faria, na sequência, uma avaliação dos danos. “Esperamos que na semana que vem a fazenda volte à sua normalidade técnica e de pesquisa”, disse o presidente do Conselho Curador da Fealq, Rubens Angulo Filho.

Olho no CAD/PRO

Anualmente a Receita Estadual atualiza o sistema CAD/PRO – Cadastro do Produtor, que dá desconto aos produtores rurais na fatura de energia elétrica. O sistema mantém o cadastro ativo de acordo com as notas fiscais emitidas nas propriedades rurais nos últimos 12 meses. Neste ano, a Receita atualizou o sistema e identificou 60 mil produtores que não emitiram os comprovantes e desativou o CAD/PRO. Com isso, o órgão está encaminhando à Companhia Paranaense de Energia (Copel) uma lista com o nome desses produtores para suspender os benefícios na conta de luz. Diante disso, a FAEP orienta que o produtor fique atento de que consta na fatura a discriminação como produtor rural, para que continue recebendo os benefícios.



Atenção ao seguro rural

Em resposta a um ofício enviado pela FAEP, a senadora Gleisi Hoffmann fez ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) uma solicitação de apoio para o redirecionamento de recursos para o processo tradicional de seguro do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) e para o crédito suplementar para o seguro de soja.

Carta

Prezado Ágide,

Estou remetendo anexo cópia da primeira Folha de Londrina Rural, editada em 10 de dezembro de 1969. Custei a encontrar a original e, como estava muito danificada, decidi tirar este xerox especial.

Continuo recebendo o excelente boletim do Sistema FAEP, cujos assuntos são de grande interesse aos agropecuaristas não só do Paraná como de todo o Brasil.

A equipe da FAEP é, sem dúvida, ótima, tendo você como grande comandante.

Harley Leopoldo Pereira
Uberlândia (MG)



CAMPINA DA LAGOA



Palestras

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, no dia 3 de setembro duas palestras para os produtores rurais com os temas: 'Tecnologia de Aplicação de Defensivos', com o Fernando Storniolo Adegas pesquisador em Plantas Daninhas. A segunda 'Resistência a fungicidas' com o pesquisador da área de Fitopatologia, Rafael Moreira Soares. Os dois pesquisadores são da unidade Embrapa Soja de Londrina.

PALOTINA



Manejo e ordenha

O Sindicato Rural de Palotina realizou, em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) Campus Palotina e o Colégio Agrícola Adroaldo Augusto Colombo, nos dias 25, 26 e 27 de agosto, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - manejo e ordenha. Participaram 13 alunos com o instrutor Euler Márcio Ayres Guerios.

MANDAGUAÇU



Posse

Tomou posse no último dia 25 de setembro a nova diretoria do Sindicato Rural de Mandaguaçu. O evento contou com a presença do presidente da FAEP, Ágide Meneguette e do Diretor Financeiro da Federação, João Luiz Rodrigues Biscaia. Formada por 21 membros, a nova diretoria é composta por Francisco Carlos do Nascimento (presidente), Airtón Delfino Andrade, Agide Eduardo Perin Meneguette, Aristides Manetti e Antonio Roberto Pupulin (vice-presidentes), Ângelo João Jacomel (1º secretário) e Jovelino Bonfim Lopes (1º tesoureiro).

SAPOPEMA



Piscicultura

O Sindicato Rural de Sapopema realizou, em parceria com a Secretaria de Agricultura de Sapopema, nos dias 13 e 14 de agosto, o curso Trabalhador em Piscicultura. Participaram 15 produtores rurais com a instrutora Janete Maria de Oliveira Armstrong.

CHOPINZINHO



Avicultura

O Sindicato Rural de Chopinzinho realizou, em parceria com a Associação Municipal dos Avicultores de Chopinzinho (Asmac), de 27 a 31 de julho o curso Trabalhador na Avicultura de Corte. Participaram 15 produtores rurais com o instrutor Marcos Cesar Pereira.

MEDIANEIRA



Empreendedor

O Sindicato Rural de Medianeira organizou mais uma turma do Programa Empreendedor Rural. Os produtores fizeram uma visita técnica na propriedade rural com produção de hortaliças (Hortaliças Marconato). O instrutor é o Mario Luiz Alexius. As aulas começaram em junho e seguem outubro.

IVAIPORÃ



Corte e costura

O Sindicato Rural de Ivaiporã realizou de 3 de agosto a 4 de setembro, na comunidade Alto Lageado, no município de Arapuã, o curso Artesanato de Tecidos - confecção básica de vestuário (corte e costura). Participaram 11 produtoras rurais com a instrutora Maura dos Santos

RIO AZUL



Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Rio Azul realizou, em parceria com Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos LTDA, no período de 20 a 22 de agosto, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 17 produtores com o instrutor Qohélet José Ianiski Veres.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Dedinho

O recorde mundial de peso levantado com o dedo mínimo pertence ao norueguês Kristiam Holm. Ele levantou 67,5 quilos usando apenas o dedinho, em 13 de novembro de 2008. O feito foi registrado no Guinness Book.

Extremos vegetais

Dois extremos do mundo vegetal vivem lado a lado. Uma das menores flores do mundo, a *Wolffia punctata* foi descoberta pelo botânico francês Hugh Algernon Weddell. Ele encontrou as pequenas plantas crescendo entre as folhas da vitória-régia – a maior planta aquática do mundo, nativa da Amazônia brasileira. A planta inteira da *Wolffia punctata* não ultrapassa dois milímetros, e a flor não passa de metade disso. Outras espécies de *Wolffia*, como a *globosa*, encontrada na Ásia, podem ser ainda menores.



A guerra da gripe

O Brasil foi o único país da América do Sul a participar da Primeira Guerra Mundial, que durou de 1914 a 1918. Seu papel, no entanto, foi pequeno – ainda menor do que a Força Expedicionária Brasileira teria três décadas depois, na Segunda Guerra. O país tinha um exército reduzido, de pouco mais de 50 mil homens, e a marinha havia perdido importância ao longo da República Velha. A principal atividade brasileira foi participar de missões navais de proteção a uma área considerada estratégica, entre o Estreito de Gibraltar e a costa do Senegal. O país teve alguns navios mercantes afundados, mas a maior parte das baixas foi provocada pela epidemia de gripe espanhola, que matou pelo menos 150 militares. Outra vítima da doença foi o presidente Rodrigues Alves (no retrato acima).



Candidato

Quando um político romano apresentava-se para ocupar um cargo público – no Senado, por exemplo –, ele vestia uma toga branca. Quanto mais clara e limpa, melhor, aliás: assim ele causava boa impressão junto aos eleitores. Assim surgiu a palavra latina *candidatus*, que é a pessoa vestida com roupa branca. Com o passar dos anos, “candidato” passou a ser a palavra que descreve alguém que se propõe a disputar qualquer eleição. Se fosse assim no Brasil, ia faltar água sanitária!

40 anos

Segundo o Instituto de Engenheiros Mecânicos do Reino Unido, as reservas conhecidas de petróleo somam 1,3 bilhões de barris. Isso deve ser suficiente para atender à demanda atual do mundo por 40 anos.



Quem é burro?

Irritado com seus alunos, que não conseguiam acompanhar a complexidade da aula, o professor explode:

— Tem que ser muito burro para não entender isso! Quem aí acha que é burro pode, por favor ficar em pé! Passam-se alguns segundos e ninguém da turma se levanta. Até que um menino da última fileira, meio resabiado, se levanta.

— Quer dizer então que o senhor admite que é burro? — pergunta o professor.

— Olha, professor, pra dizer a verdade eu não acho isso, não — responde o menino. — Mas é que eu fiquei com pena de ver o senhor de pé sozinho...



Furacões

Um furacão é uma tempestade tropical muito intensa, que se forma sobre o mar e inclui chuvas e ventos fortes e movimenta-se em uma espiral em torno de si mesmo. Fenômenos do mesmo tipo podem receber nomes diferentes: quando se forma sobre o Oceano Atlântico, ele é batizado de furacão; se é no Pacífico, costuma-se chamar de tufão; quando vem do Índico, tratam-no com um ciclone (que é, também, um nome genérico para essa formação). Os mais fortes são monitorados por agências meteorológicas internacionais e recebem nomes. O único furacão já registrado no Atlântico Sul foi o Catarina, em março de 2004. Ele deixou 11 mortos, mais de 500 feridos e um prejuízo estimado em R\$ 1 bilhão no Estado de Santa Catarina.

Contando carneirinhos

As Ilhas Falkland (se preferir, pode chamar de Malvinas) foram motivo de uma guerra entre a Argentina e o Reino Unido, em 1982. Hoje em dia o território, formado por duas ilhas principais e outras menores, está em paz. Estima-se que ele tenha o maior rebanho ovino per capita do mundo: há, em média, 350 ovelhas para cada um dos seus 2.900 habitantes.



Um aliado voador

Por séculos, pescadores do Japão e da China têm encontrado um aliado em suas atividades: um pássaro, o cormorão, parente próximo do brasileiríssimo biguá. Os pescadores usam pássaros domesticados, que ficam presos por uma espécie de coleira e são estimulados a mergulhar para buscar peixes. O pescoço do animal, entretanto, é limitado por um laço. Assim, ele pode comer peixes pequenos, mas os maiores ficam presos e não descem pela sua garganta e são retirados pelos pescadores. Na foto você vê um pescador chinês e dois de seus pássaros.



MEUS OITO ANOS

CASEMIRO DE ABREU

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais !
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais !

Como são belos os dias
Do despontar da existência !
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor !

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,

Naquele ingênuo folgar !
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar !

Oh ! dias de minha infância !
Oh ! meu céu de primavera !
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã !
Em vez de mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã !

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberta ao peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,

Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis !

Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo,
E despertava a cantar !

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais !
– Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais !

Endereço para devolução:
Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Desconhecido
- Recusado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico
- Falecido
- Ausente
- Não procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br